

CORREIO BRAZILIENSE

BRASÍLIA-DF

**SE A IDÉIA DE QUE
LULA, E NÃO O
PRÓPRIO GOVERNO,
É RESPONSÁVEL
PELO TUMULTO
NO MERCADO
FINANCEIRO COLAR,
MELHOR PARA O
GOVERNO**



**POR
ARLETE SALVADOR**

arletes@correio.com.br

Abriram o saco de maldades

Aequipe econômica do governo começou a fazer, de maneira mais clara, o que os quatro candidatos à Presidência da República — inclusive o próprio candidato do governo, o senador José Serra — defendem em seus programas de governo para a área econômica: reestruturar o país para um modelo que estimule a retomada do crescimento. Na prática, é como se o governo estivesse tirando das mãos da oposição os argumentos para convencer o eleitor a trocar os ocupantes do Palácio do Planalto em 2003.

A adequação dos fundos de renda fixa aos valores de mercado, e não de face dos papéis, como vinha sendo feito pela maioria das instituições financeiras nacionais, teve apoio até do PT. O economista Guido Mantega, um dos autores das propostas econômicas de Lula, reconheceu que a medida em si é correta. Discordou do momento em que foi feita. Para ele, deveria ter acontecido em janeiro, quando o mercado financeiro estava tranquilo.

Ao mesmo tempo, o Banco Central envolveu-se numa queda-de-braço com os investidores na tentativa de empurrar-lhes papéis com vencimento mais longo, uma forma de desafogar o Brasil de uma dívida interna que ameaça explodir no colo do próprio governo e de seu candidato a presidente. A iniciativa não é novidade. É uma prática do Banco Central. A diferença é que, neste momento, o mercado financeiro recusa-se a comprar esses papéis. Exige, ao contrário, prazos mais curtos. E busca refúgio no dólar, aumentando a cotação.

No fundo, o que o BC está tentando fazer é alongar o perfil da dívida pública, uma explicação técnica para dizer que o Brasil vai pagar o que deve, mais tarde. Também é uma proposta defendida por todos os candidatos a presidente, de uma forma ou outra. Preferencialmente, por meio de negociação. Nenhum deles admite deixar de pagar.

As decisões da equipe econômica são duras, causam prejuízo para os investidores, muitos deles de classe média. Mas indicam que o governo caminha na direção de uma reestruturação capaz de garantir a recuperação econômica no curto prazo. Para isso, está seguindo receitas que a própria oposição recomenda. Elas têm um custo e ele é o aumento do risco Brasil e a turbulência no mercado financeiro. Enfim, tudo aquilo que, segundo os próprios governistas, só aconteceria no caso de o PT ganhar a eleição.

As mudanças que afetaram o mercado financeiro foram feitas num momento em que a taxa de inflação dá os primeiros sinais de refluxo. Nesse cenário, uma cotação maior do dólar frente ao real pode não ser um problema sério, pois funcionaria como um estímulo às exportações brasileiras. E exportação é palavra frequente no vocabulário dos candidatos a presidente. Além disso, também por conta de uma possível queda da inflação, abre-se espaço para uma pequena redução nas taxas de juros.

A equipe econômica abriu o seu saco de maldades e o fez a tempo de, nos próximos meses, quando a campanha eleitoral entrar no ar, o cenário econômico se recuperar. E evidente que a reação do mercado às medidas foi explorada de forma política. A ameaça de argentinização do país, numa referência ao caos que se instalou na vizinha Argentina, é um dos pilares da campanha de José Serra contra o rival do PT. Se a idéia de que Lula, e não o próprio governo, é responsável pelos prejuízos dos investidores e pelo tumulto no mercado colar, melhor para o governo.

